



Revista Superinteressante – Edição 277 - Abr.2010  
<http://super.abril.com.br/religiao/investigacao-chico-xavier-561667.shtml>

### Matéria de Capa



Uma investigação: Chico Xavier

Há 100 anos nascia o homem que faria brasileiros de todos os credos acreditar na vida após a morte. Que mudaria a vida de famílias desconsoladas.

E que colocaria a Ciência atrás de respostas para as vozes do outro mundo.

O mito Chico Xavier gerou tudo isso, mas o que gerou o mito Chico Xavier?

(veja ao final da reportagem – página 15 - algumas contestações apresentadas por José Edmar Arantes Ribeiro ao que considera como deslizes cometidos pela autora desta reportagem)

Por Gisela Branco. Com reportagem de Hellen Samantta em Foz do Iguaçu

Até hoje chegam cartas a Uberaba, Minas Gerais, endereçadas a Chico Xavier. Vêm pelo correio ou são jogadas por cima do muro do centro em que ele trabalhava. Parece que seus autores não se lembram de que Chico não está lá - morreu há 8 anos.

Quer dizer, o homem morreu. O mito não. Normal para quem, como ele, teve trajetória de superstar.

Nos Anos 80, mais de 100 pessoas faziam fila à sua porta todo dia.

Nos Anos 90 foi destinatário recordista de cartas no Brasil: 2 mil por mês.

Seus mais de 450 livros venderam 25 milhões de cópias.

E sua influência ajudou a tornar o Brasil o maior país kardecista do mundo, com 20 milhões de fiéis.

Em 2 de Abril Chico completaria 100 anos. Nem após sua morte outro médium despertou tamanho fascínio. O que Chico tinha de diferente?

A SUPER investigou. E achou uma fórmula com 3 ingredientes.

Começamos por aquele que foi a origem de toda essa história: as cartas dos mortos.

### **As cartas**

Em 35% das cartas, a assinatura era muito parecida com a do morto, diz um estudo feito com familiares.

É em uma gaveta do guarda-roupa que Hilda Braga mantém há 30 anos a carta do filho Eurípedes, morto aos 21 anos por um aneurisma.

A casa simples da periferia de Uberaba - sem telefone e cheia de eletrônicos quebrados, como a TV preto e branco - também guardou por um tempo 100 cópias da mensagem.

Mas todas já foram distribuídas por Hilda a amigos e conhecidos.

"Mãezinha Hilda, agradeço as suas preces", diz o texto.

"Encontrei na Vovó Sinhana a continuação do seu devotamento de mãe".

A mensagem foi escrita pelas mãos de Chico Xavier.

Mas Hilda, hoje uma senhora de 80 anos, não tem dúvida sobre a autoria das palavras. "Vieram de meu filho".

A declaração é comum no discurso de famílias que receberam alguma mensagem do além por Chico Xavier.

Qual o trunfo do médium capaz de gerar essa certeza?

Pioneirismo não é.

Nos Anos 20, a carioca Yvonne do Amaral Pereira já psicografava receitas do médico Bezerra de Menezes, morto no Século 19.

Em Minas, Zilda Gama colocava as mãos sobre os olhos e escrevia livros com a assinatura de espíritos.

Mas os textos dificilmente continham algum indício que servisse como prova irrefutável da autoria.

Já as psicografadas por Chico tinham indícios: dados familiares aos quais o médium supostamente não teria acesso.

Na carta assinada por Eurípedes, são citados a avó Sinhana, o pai, Ibrahim, e um irmão, Vicente.

Além dos amigos, que estavam com ele nos últimos momentos de vida, e da morte pelo aneurisma.

É um padrão nas cartas de Chico.

Nomes de parentes aparecem em 93% das mensagens analisadas em um estudo da Associação Médico-Espírita de São Paulo, de 1.990.

Baseada em entrevistas com 45 famílias para quem Chico psicografou, a pesquisa também mostrou que a assinatura da carta era tida como muito parecida com a de seu suposto autor em 35% dos casos.

"Foi um susto ver nas cartas o nome da babá que trabalhava em casa", diz a mineira Célia Diniz, que recebeu uma mensagem assinada pelo filho, morto em um acidente de bicicleta aos 3 anos de idade.

Célia representa o público cativo de Chico: as mães.

Atrás de notícias dos filhos mortos, elas compareciam em massa nos dois centros que Chico teve - o primeiro em Pedro Leopoldo, cidade mineira onde o médium nasceu, e o segundo em Uberaba, onde ele virou mito.

Chico recebeu até mães famosas, como a atriz Nair Bello.

Ela foi 3 vezes a Uberaba antes de receber, em 1.977, uma mensagem do filho Manoel, morto dois anos antes em um acidente de carro.

A atração das cartas estava no conforto que traziam.

As mães buscavam consolo, explicação para a perda ou um mero alívio para a saudade. E encontravam isso nas mensagens.

Além das referências familiares, que davam o ar de autenticidade, as cartas traziam boas notícias sobre o além. E vinham cheias de expressões reconfortantes.

Grande parte começava do mesmo jeito: "Querida mãezinha".

"Eu estava prestes a enlouquecer quando a primeira carta chegou. Já havia pedido para ser internada", diz a paulista Sônia Muszkat.

Foi em 1.979 que Sônia recebeu essa mensagem do filho Roberto, morto aos 19 anos com um choque anafilático após uma cirurgia de desvio de septo.

"Na carta, Roberto descrevia sua morte e pedia que eu não me culpasse", afirma Sônia.

Ela receberia outros 53 textos psicografados por Chico.

Alguns vinham com frases em hebraico - Sônia e o marido são judeus.

Roberto não falava o idioma, mas Chico dizia ao casal que ele estava aprendendo em uma colônia judaica no mundo espiritual.

David, o pai de Roberto, chegou a desconfiar da história. Mas acabou convencido.

"Em uma das sessões de psicografia, um cheiro delicioso de gardêneas invadiu a sala. Depois veio uma mensagem assinada por Roberto: mãezinha querida, dedico essas flores a você".

Assim como Roberto, muitos desconfiaram das informações que apareciam nas cartas. E desconfiam até hoje.

A rotina nas sessões de psicografia era assim: Chico se sentava à cabeceira da mesa, todas as Sextas e Sábados.

Psicografava 4 ou 5 cartas de parentes de alguns sortudos entre as dezenas de presentes à sessão.

Segundo Chico, ele não podia escolher quem seria atendido - apenas os próprios espíritos.

"O telefone só toca de lá para cá", dizia.

Quem entrava na fila deixava o nome em uma lista de espera e podia até acompanhar as sessões de psicografia, mas sem garantias.

Daí a estupefação das famílias quando Chico lia em voz alta uma mensagem cheia de referências à família e a situações vividas pelo morto.

Mas há quem diga que Chico tinha um jeito de conseguir os dados.

"Funcionários do centro espírita iam à fila pegar detalhes dos mortos. Ou aproveitavam as histórias relatadas por parentes nas cartas em que pediam uma audiência. As mensagens de Chico continham essas informações", diz o médico Waldo Vieira, com quem Chico dividiu o trabalho no centro entre 1.955 e 1.969.

A dupla psicografava junto: quando um terminava de escrever as frases no papel, o outro assumia o lápis.

"Os dois produziam textos complementares assinados pelo mesmo autor", diz o jornalista Marcel Souto Maior em As Vidas de Chico Xavier.

A parceria acabou nos Anos 60, quando Waldo Vieira continuou seus estudos de Medicina no exterior.

Hoje ele vive em Foz do Iguaçu, onde fundou um centro de estudos religiosos.

(Obs. esta reportagem foi publicada em Abr.2010, e Waldo Vieira faleceu em 2.Jul.2015)

Gente como Célia Diniz e Sônia Muszkat diz não ter fornecido qualquer dado a Chico.

Mas a pesquisa da Associação Médico-Espírita de São Paulo indica que Chico fazia uma entrevista - de até 10 minutos - com famílias que participariam das sessões de psicografia.

Aconteceu com a família do engenheiro paulista Mauricio Lopes, de 38 anos.

Nos Anos 70 seu irmão de 9 anos foi atropelado e morto. A família foi várias vezes a Uberaba atrás de ajuda.

"Chico perguntou a minha mãe detalhes da morte e nomes de parentes. E tudo foi citado na carta depois", diz Maurício.

Mas será que Chico era o líder de um grupo que saía à caça de dados de mortos?

O filho adotivo do médium, Eurípedes Higino dos Reis, garante que não.

"Chico conversava com cerca de 60 pessoas toda semana, mas sobre vários assuntos. Elas pediam conselhos financeiros, falavam sobre doenças. Nunca vi funcionários questionarem famílias desde que comecei a cuidar do centro em 1.975".

Até hoje poucos estudos tentaram verificar a autenticidade da psicografia de Chico.

Um dos que mais avançaram, conduzido hoje pela Federação Espírita Brasileira, aponta que os textos podem ser genuínos.

A prova seriam fatos históricos que Chico dificilmente conheceria, mas aparecem em alguns de seus textos.

O fato é que as cartas ganharam credibilidade, inspiradas por fontes do além ou terrenas.

Até serviram como prova em 3 julgamentos - e absolveram um empresário acusado de homicídio. (Chico psicografou uma mensagem da vítima dizendo que a morte havia sido acidental).

As cartas geraram mais fé do que desconfiança.

A verdadeira polêmica surgiria no outro filão do médium: os romances.

### **As vozes**

Algumas das mensagens que Chico disse ouvir, e os dados que as tornam tão impressionantes.

"Tenho procurado melhorar, a fim de auxiliar ao papai Ibrahim e aos irmãos Vicente e os outros dois, que perfazem um trio de bênçãos para a nossa casa".  
Carta de Eurípedes Braga, psicografada em fevereiro de 1.981.

"Rogo a Ricardo preparar-se com atenção para colocar o tefilin com o êxito necessário e habilitar-se para recitar com clareza o Sidur".

Carta de Roberto Muszkat, setembro de 1980. O texto cita as caixas de couro e um livro usados nas rezas judaicas.

"Mãe Elvira, você se lembrará de quantas faixas precisei para suportar as queimaduras".

Carta de Ericson Fábio Diniz de Oliveira, abril de 1.985. Ericson morreu por causa de queimaduras sofridas em um acidente com tiner.

"Sou eu, o Tetéo. Vovô me auxilia a escrever, porque estou aprendendo".

Carta de Rangel Diniz Rodrigues, Novembro de 1.984. Rangel morreu antes de ser alfabetizado, aos 3 anos de idade.

"O carro deslizou sem que eu pudesse controlá-lo. A manobra infeliz veio fatal e com tamanha violência que a ideia de suicídio não devia vir à baila".

Carta de Manoel Francisco Neto, psicografada em Junho de 1.977. Manoel era filho da atriz Nair Bello e morreu em um acidente de carro.

### **A polêmica**

Show de materialização de espíritos e truques para incrementar as sessões de psicografia.

O lado pirotécnico de Chico Xavier provocou desconfiança. E atraiu de vez a atenção da mídia.

A carreira literária de Chico começou cedo.

Aos 22 anos, ele publicava Parnaso de Além-Túmulo, um livro com poesias psicografadas de nada menos do que 14 poetas célebres, do Brasil e de Portugal.

Uma estreia inspirada por um conselho vindo da mãe de Chico. Da finada mãe de Chico.

Chico tinha acabado de entrar em contato com o Espiritismo.

Aos 17 anos, Francisco Cândido Xavier - seu nome completo, pelo qual ainda era conhecido - acompanhou uma irmã doente a um tratamento espírita em Pedro Leopoldo, cidade em que morava com os pais e os 15 irmãos.

Lá, conheceu a obra de Allan Kardec. E foi incentivado por líderes espíritas a psicografar.

Logo nas primeiras cartas psicografadas veio a carta de sua mãe, morta quando o médium tinha apenas 5 anos de idade. Ela pedia que Chico se aprofundasse no Espiritismo.

Chico seguiu o conselho. Em grande estilo. Ele dizia que não escolhia os espíritos a quem atenderia, só via fantasmas e ouvia vozes. Mas parecia ser o escolhido pelas celebridades do céu.

Cruz e Sousa, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos e Castro Alves lhe ditaram versos e prosa. O material viraria o Parnaso.

No mundo de poesias espíritas, ninguém havia publicado um livro invocando tantos nomes importantes do além. O lançamento colocou Chico Xavier sob os holofotes.

Não só porque ele dizia que gente da Academia Brasileira de Letras estava agora escrevendo por uma via pouco ortodoxa. Mas porque o rapaz de 22 anos tinha produzido obras razoavelmente fiéis ao estilo dos autores que as assinavam.

E sem ter tido uma educação formal. Chico havia estudado até a 4ª série do Curso Primário.

Deixou o colégio aos 13 anos porque havia começado a trabalhar - primeiro em uma fábrica de tecidos, depois como caixa de um armazém.

A história dividiu o mundo da literatura. Alguns desconfiavam de que tudo não passava de uma fraude.

A viúva de Humberto de Campos até tentou na Justiça, sem sucesso, levar os direitos autorais sobre as obras psicografadas do marido. Mas outros o defendiam.

"Se Chico Xavier produziu tudo aquilo por conta própria, merece quantas cadeiras quiser na Academia Brasileira de Letras", declarou Monteiro Lobato.

A desconfiança dos críticos tinha motivo. Apesar de não ter ido longe na escola, Chico foi autodidata e leitor voraz durante toda a vida.

Colecionou cadernos com recortes de textos e poesias. Comprou livros de sebos em São Paulo.

Em sua biblioteca, preservada até hoje em Uberaba, há mais de 500 livros e revistas, com obras em Inglês, Francês e até Hebraico.

A lista inclui volumes de autores cujo espírito o teria procurado para escrever suas obras póstumas, como Castro Alves e Humberto de Campos.

O debate em torno dos romances colocou Chico na mídia.

"Foi aí que ele ficou conhecido", diz Nestor João Masotti, presidente da Federação Espírita Brasileira.

Pesquisadores começaram a bater à porta do médium. Em 1.939 até cientistas russos tentaram estudar seus poderes.

"Mas Chico recusou, dizendo que seu guia espiritual Emmanuel não autorizava", diz Souto Maior em seu livro.

Das investidas da Imprensa ele não escaparia. Eles queriam explicações não só para a linha direta que Chico dizia ter com as celebridades do outro lado, mas também para alguns shows que o médium andava fazendo por aí.

## **A pirotecnia**

O que você veria se estivesse na plateia de Chico Xavier na década de 1.940?

Pra começar, um médium sentado em frente a uma cortina, a cerca de 10 metros dos espectadores.

Luzes coloridas surgiriam detrás do pano. Um cheiro de éter encheria a sala. Lentamente, vultos brancos apareceriam - os médiuns explicavam que eram espíritos que haviam se materializado.

"Muitas vezes a plateia podia até tocá-los e tirar fotos", afirma o médico espírita Eurípedes Tahan, que por mais de 30 anos acompanhou Chico em Uberaba e participou de várias dessas reuniões.



Em alguns casos o médium expelia uma pasta branca da boca, do nariz e dos ouvidos. Seria o ectoplasma, um produto da energia dos espíritos, considerado prova material da existência do além.

Os personagens principais da noite eram médiuns de outras cidades, acostumados a rodar o país com seus shows. Mas, em algumas delas, o próprio Chico emprestava seus poderes para a materialização.

Ficava sentado em concentração enquanto os espíritos surgiam por detrás do pano. Registre-se: materializar uma pessoa, ou fazer surgir massa do nada equivalente a um homem de 70 quilos, não seria tarefa fácil.

Seria necessário produzir um total de energia duas vezes maior do que é hoje produzido pela hidrelétrica de Itaipu por ano, segundo os cálculos feitos por especialistas e exibidos por reportagens sobre Chico nos Anos 70.

Com shows como esses, Chico foi ficando famoso, graças a reportagens como uma publicada em 1.944 por O Cruzeiro, então a revista mais importante do país.

Mas ele ganharia manchetes mais bombásticas uma década depois.

No fim dos Anos 50, Amauri Pena Xavier, sobrinho do médium que também psicografa, deu uma entrevista ao jornal Diário de Minas - dizendo-se uma farsa.

"Aquilo que tenho escrito foi criado pela minha própria imaginação", declarou. Só que o rapaz, de 25 anos à época, também insinuou que as cartas produzidas por Chico Xavier poderiam ser uma fraude.

"Assim como tio Chico, tenho enorme facilidade para fazer versos, imitando qualquer estilo de grandes autores. Com ou sem auxílio do outro mundo, ele vai continuar escrevendo seus versos e seus livros".

Pegou mal para o tio. Mesmo depois que o sobrinho, denunciado como alcoólatra pelo próprio pai, pediu desculpas publicamente pelo que disse.

Chico respondeu: "Não recebi as palavras dele como acusação nem desafio. Tenho a felicidade de possuir amigos que, em matéria religiosa, não possuem a mesma convicção que eu".

Acuado pelas críticas na Pedro Leopoldo de 15 mil habitantes, Chico resolveu fazer as malas e partir para Uberaba, um polo do Espiritismo onde contaria com o apoio de amigos. Mas não adiantou muito.

A imprensa seguiu na cola.

Em 1.971 um repórter da revista Realidade, José Hamilton Ribeiro, visitou as sessões de psicografia. E denunciou: tinha truque ali.

"Meu fotógrafo viu um dos assessores de Chico levantar o paletó discretamente e borrifar perfume no ar. As pessoas pensavam que o perfume vinha dos espíritos", diz Ribeiro.

Os questionamentos colocavam Chico cada vez mais em evidência no país. E o prepararam para aquela que seria sua prova final na mídia, também em 1.971: o programa Pinga-Fogo, da TV Tupi.

Por quase 3 horas o médium foi bombardeado por perguntas. Mas se safou.

"Não me constam que obras complexas como a de Platão e Aristóteles tenham sido psicografadas. Não seria por causa da dificuldade?", questionou João de Scantimburgo, respeitado escritor da Academia Brasileira de Letras e homem católico.

Chico respondeu:

"Com todo respeito ao senhor, eu me permitiria perguntar se eles também não seriam médiuns".

Assim Chico driblou os ataques. Disse estar sendo ajudado pelo guia Emmanuel. Foi um recorde de audiência: 75% dos televisores paulistas ficaram ligados no programa até as 3 horas da manhã.

A entrevista rendeu retransmissão para 4 emissoras em rede nacional. Estava pronto o mito Chico Xavier.

### **A polêmica hoje**

Ainda tem gente tentando entender os fenômenos de Chico, vasculhando as referências históricas e literárias que ele deixou em seus livros.

Literárias:

Chico poderia ter plagiado obras. É o que investiga o espírita Vitor Moura, criador do site Obras Psicografadas. A tese é baseada na comparação entre textos. Como esta:

- "Ao norte, os barrancos cobertos de neve do Hermon se recortam em linhas brancas no céu; a oeste, os planaltos ondulados da Gaulonítida e da Pereia". Vida de Jesus, do filósofo Ernest Renan.
- "Ao norte, as eminências nevosas do Hermon figuravam-se em linhas alegres e brancas, divisando-se ao ocidente as alevantadas planícies da Gaulanítida e da Pereia". Há Dois Mil Anos, de Chico Xavier.

Históricas:

A Federação Espírita Brasileira está avaliando citações históricas que aparecem nos romances de Chico. Pelo que já foi apurado, os pesquisadores defendem que as cartas podem mesmo ter vindo do além.

"Alguns relatos são tão detalhados que Chico não os faria nem com a ajuda das melhores bibliotecas", afirma Gilberto Trivelato, coordenador do estudo.

"Um deles diz que a Catedral de Notre-Dame, em Paris, tinha escadas. Hoje ela não tem. Mas, se você pesquisar a fundo, descobre que no Século 19 tinha, por causa de enchentes".

### **A Ciência e Chico Xavier**

Palavras do outro mundo? Fraude? Nem um nem outro. Para cientistas, a explicação pode estar num meio-termo.

Psicose:

Nada de espíritos - por essa tese, as cartas seriam produzidas pelo próprio Chico. Só que ele não se lembraria disso.

É como se fosse uma ação do inconsciente, ou de uma outra personalidade que ele assumiria.

"A mente deixaria de ser única e vários pedaços assumiriam vida autônoma", afirma o psiquiatra Alexander Moreira de Almeida.

"Mas fizemos testes com 115 médiuns, e eles têm uma sanidade mental acima da média da população", diz.

Epilepsia:

Nos Anos 70, a revista Realidade publicou a cópia de um eletroencefalograma do cérebro de Chico Xavier.

Sem saber o nome do paciente, um médico analisou o exame e concluiu: havia ali uma descarga elétrica anormal, capaz de provocar uma convulsão.

"Poderia causar alheamento, sensação de ausência, automatismo psicomotor", afirmava o médico Juvenal Guedes.

Criptomnésia:

Um distúrbio de memória que faz com que as pessoas se esqueçam de que conhecem uma determinada informação.

Os dados que Chico colocava nas cartas seriam apenas lembranças escondidas em seu próprio subconsciente.

"Mas não há exame que detecte memórias falsas. Para evocá-las, o cérebro usa exatamente o mesmo mecanismo das verdadeiras", explica o neurologista Ivan Izquierdo, especialista em memória da PUC do Rio Grande do Sul.

Telepatia:

Tem cientista que acredita que Chico poderia captar, inconscientemente, as memórias do morto - só de conversar com um parente dele.

"O médium poderia usar poderes considerados paranormais para captar informações direto da cabeça das pessoas", afirma o psiquiatra Almeida.

Até hoje, no entanto, a telepatia ainda não foi provada pela ciência.

### **O carisma**

Órfão Maltratado na infância, um piadista quando adulto, vítima de uma série de doenças na velhice. Não foi à toa que Chico Xavier conquistou a compaixão de todo o país.

"Em 1.931, o espírito do poeta Augusto dos Anjos sentia muita dificuldade em escrever por meu intermédio. Na época eu trabalhava em um armazém e cuidava de uma plantação de alho. Os espíritos começavam a conversar comigo. E então ele ditou uma poesia, chamada Vozes de uma Sombra. Começou a falar com aquelas palavras maravilhosas, muito técnicas. Eu com o regador na mão e custava a compreender. Quem era eu pra entender aquilo, que estava aguando canteiro de alho?", contava com jeitinho mineiro, fazendo a plateia do Pinga-Fogo gargalhar.

Chico era um piadista. Mas não só o humor deu o carisma que o acompanharia até o fim da vida. Chico Xavier era visto como um mártir, acima de tudo.

A começar por sua história antes de virar o médium que o país conheceu.

Mineiro de família pobre, Chico dizia ouvir espíritos aos 5 anos de idade.

Afirmava conversar com a mãe, recém-falecida.

Da madrinha, com quem morava, ouviu um diagnóstico: estaria louco.

E ganhou uns corretivos: garfadas (isso, golpes com garfo mesmo) no abdome.

Rita de Cassia, a madrinha, ainda o obrigava a lamber as feridas de um primo, para não falar mais daquelas maluquices de além.

Órfão, mal-tratado e obrigado a trocar a escola pelo trabalho: assim era o pequeno Chico Xavier.

Pelo menos na visão que Clementino de Alencar, jornalista de O Globo, passou em uma das primeiras reportagens sobre o médium, de 1.935.

Ela serviria como base para muitas das biografias já lançadas sobre Chico, e ajudaria a perpetuar a imagem de sofredor atribuída ao médium.

Mesmo que detalhes da história tenham sido mais tarde desmentidos, como a versão de que Chico não era letrado.

Contribuiu para essa imagem uma política adotada por Chico desde sua primeira obra: doar todo o dinheiro conseguido com os direitos autorais de seus livros às editoras espíritas que os publicavam - e que costumavam manter instituições assistenciais.

Ele nem assinava as obras. A autoria ficava em nome do espírito que teria ditado as palavras, como André Luiz e Emmanuel, os mais frequentes.

"Os livros não me pertencem. Não escrevi nada. Eles escreveram", dizia.

Se tivesse ficado com os direitos autorais, Chico teria levado uma bolada: 2,1 milhões de cruzeiros por ano, o suficiente para comprar 160 fuscas na época e equivalente a R\$ 670 mil hoje.

O cálculo foi feito nos anos 70 por especialistas, considerando uma venda de 300 mil livros por ano.

Com a doação, Chico ajudou mais de 2 mil instituições do país, segundo seus assessores.

Desde 1960, quando se aposentou, Chico vivia com uma pensão de funcionário público (trabalhou como escrivão e datilógrafo no Ministério da Agricultura).

Sua casa em Uberaba, preservada pelo filho Eurípedes, tinha um portão de quase 3 metros de altura para impedir que os mais fanáticos a invadissem.

Por dentro era simples: tinha móveis baratos de madeira corroídos e decoração feita com presentes dos amigos (bordados, mantas, placas, quadros).

Está lá também a coleção com mais de 40 boinas que Chico usava para esconder a careca (e que substituiriam as perucas).

O médium também aparecia sob os olhos do país como um homem de saúde frágil.

Ainda em seus 20 anos, quando já passava horas em sessões de psicografia à luz de velas, Chico descobriu uma catarata no olho direito.

Depois dos 60, sofreu com pressão alta, uma hérnia e um tumor na próstata, que ele se recusou a operar com Zé Arigó, o amigo médium que dizia receber o médico Dr. Fritz.

Em Junho de 2.001, quando se acreditava que estaria à beira da morte por causa de uma pneumonia nos dois pulmões, Chico conseguiu se salvar. E o Brasil inteiro comentou o que parecia um milagre.

Uma imagem captada pela TV Globo mostrou um raio de sol entrando no quarto do médium exatamente no dia em que Chico teve uma melhora repentina.

"Ele já vinha tomando antibióticos havia 4 dias quando, de repente, começou a se recuperar", diz Eurípedes Tahan, o médico então responsável por Chico, e também amigo do médium.

Dois dias depois, Chico recebia alta do hospital. Providência divina ou resultado dos remédios? Ninguém cravou a resposta. Mas o vídeo do episódio continua sendo visto até hoje pelos brasileiros no YouTube - tem mais de 100 mil visualizações.

Chico morreu em 2.002, aos 92 anos, cumprindo uma profecia sua.

"Só vou morrer no dia em que o Brasil todo estiver feliz", dizia Chico.

E morreu mesmo. O médium teve uma parada cardíaca no dia 30 de Junho, horas antes de o Brasil ganhar a Copa do Mundo de Futebol.

Cerca de 120 mil pessoas foram a seu enterro, formando uma fila de 4 quilômetros e 3 horas de espera.

O então presidente Fernando Henrique Cardoso emitiu uma nota lamentando a ida daquele que era "um grande líder espiritual e uma figura querida e admirada pelo Brasil inteiro".

Assim que Chico morreu, vários documentos que ele guardava - em geral cartas de pessoas que escreviam para ele - foram queimados por seu filho adotivo, Eurípedes Higino.

Foi um pedido do pai em testamento. "Ele achava que era necessário para não dar nenhuma confusão para ninguém no futuro", diz.

O filho também cuida da marca que se criou em torno de Chico Xavier.

Graças ao registro da patente da assinatura do pai, ele hoje recebe 10% do lucro de tudo o que é lançado com ela, (inclusive de filmes, como As Vidas de Chico Xavier, nos cinemas brasileiros a partir de Abril).

O trabalho de Chico continua hoje nas mãos de outros médiuns, como seu colega e seguidor Carlos Bacelli, que atrai centenas de fiéis por semana a suas sessões de psicografia em Uberaba (há excursões toda semana saindo de São Paulo e do Rio de Janeiro).

Bacelli inclusive diz receber mensagens do próprio Chico Xavier. E não é o único. "Mais de 20 médiuns já disseram ter psicografado textos de Chico", diz Higino. "Tudo mentira. Chico disse que não voltaria tão cedo".

Como ele tem tanta certeza? O pai teria deixado um código, conhecido apenas por Higino e por Tahan, para ser identificado caso resolvesse mandar um alô para o mundo dos vivos. "Continuaremos esperando", diz o filho.

### **A indústria Chico Xavier**

O legado do médium foi parar nos cinemas, na boca do cantor e Fábio Jr. e até no Twitter.

- 5 filmes serão lançados em 2010, como As Vidas de Chico Xavier, previsto para estrear em Abril.
- Mais de 200 livros sobre Chico Xavier já foram publicados. Tem até um de piadas: Rindo e Refletindo com Chico Xavier.
- Mais de 20 CDs e DVDs de homenagens musicais, audiobooks e preces. Até Fábio Jr. pegou carona e fez uma música para Chico.

E ainda:

- Dieta do Chico Xavier: revistas dos Anos 80 publicavam o ritual - meio copo de água pela manhã, com grãos de arroz dentro do copo representando o número de quilos que se quer perder.
- Twitter: Dá para receber tweets de Chico! Falsos, claro. Já há perfis em homenagem ao médium, como o @chicoxavier.

Para saber mais:

As Vidas de Chico Xavier  
Marcel Souto Maior, Planeta do Brasil, 2003.

Chico Xavier  
Magali Oliveira Fernandes, Annablume, 2008.

Copyright © Abril Mídia SA - Todos os direitos reservados.

---

Por José Edmar Arantes Ribeiro

A última edição da revista Superinteressante (nr. 277, de Abril de 2010) teve a figura de Chico Xavier como tema de sua principal matéria, que segue da página 50 à página 59 do número em questão da revista.

Logo na capa, em sequência a uma pergunta com um erro de concordância verbal, segue outra mal formulada:

"Quem foi o homem que fez milhões de brasileiros acreditar em espíritos? Qual o segredo das mensagens que ele psicografou?" (grifo nosso).

A revista começa assim, e o mesmo erro de concordância verbal seria repetido na abertura da reportagem em foco, à página 50: "Há 100 anos nascia o homem que fazia brasileiros de todos os credos acreditar na vida após a morte". (grifo também nosso)

No índice do número da revista em questão, é afirmado, em relação à matéria em foco:

"A Super foi a Minas Gerais descobrir como o médium virou um mito. Encontrou histórias de fé e de mistério – e alguns efeitos especiais".

Entretanto, como poderá ser visto em alguns dos itens que discutiremos na subseção "Leviandades" deste artigo, nenhuma pesquisa mais cuidadosa fora feita no sentido de embasar afirmações como a da existência de "efeitos especiais" envolvendo a fenomenologia de Chico Xavier.

Na seção "Escuta", destinada a palavras do diretor de redação da revista, com o título "Com todo respeito", Sérgio Gwercman nos diz:

"Respeito você vai encontrar em cada página da reportagem escrita por Gisela Blanco (...) Porque o jornalismo existe nas perguntas (...) É assim que trabalhamos aqui na Super".

Infelizmente, não é verdade que encontramos respeito em cada página escrita por Gisela Blanco (basta ver a seção "Leviandades", abaixo).

Igualmente, não é verdade que a Super adotara o princípio do questionamento saudável na matéria em questão: a maior parte da reportagem é constituída de afirmações irresponsáveis, que buscam disfarçadamente, porém a todo custo, reduzir a figura de Chico Xavier à de um mistificador carismático.

Nas linhas que seguem analisaremos detalhadamente os problemas apresentados na reportagem em foco.



Os vários problemas apresentados na reportagem serão divididos, a título didático e por ordem de gravidade, em cinco classes:

(1) Uma colocação fora de contexto; (2) Um box que nada explica; (3) Informações erradas; (4) Conceitos errados; (5) Leviandades.

### **Uma colocação fora de contexto**

Em meio às suas considerações sobre as repercussões no meio literário da obra *Parnaso de Além-Túmulo*, psicografada por Chico Xavier e atribuída a espíritos de poetas brasileiros e portugueses, a autora da matéria nos diz:

"A história dividiu o mundo da literatura. Alguns desconfiavam de que tudo não passava de uma fraude. A viúva de Humberto de Campos até tentou na Justiça, sem sucesso, levar os direitos autorais sobre as obras psicografadas do marido. Mas outros o defendiam. 'Se Chico Xavier produziu tudo aquilo por conta própria, merece quantas cadeiras quiser na Academia Brasileira de Letras', declarou Monteiro Lobato" (páginas 55-56).

O trecho sobre a viúva de Humberto de Campos está fora de contexto. Chico Xavier só começara a psicografar Humberto de Campos em 1.935, três anos após a publicação do *Parnaso*.

Além disso, o Caso Humberto de Campos iria ocorrer somente em 1.944, doze anos após a publicação do *Parnaso*!

E mais: neste caso, a viúva pedia à Justiça um posicionamento justamente na decisão sobre a autenticidade das mensagens atribuídas a Humberto de Campos.

Caso a decisão fosse favorável, a viúva acataria e exigiria os direitos autorais, de modo que este caso não serve para ilustrar a posição daqueles que consideravam que tudo não passava de fraude.

### **Um box que nada explica**

A autora, no box "A Ciência e Chico Xavier", na página 56, após dizer que, para cientistas, a explicação da fenomenologia de Chico Xavier estaria em um meio-termo entre a fraude e a hipótese espírita, simplesmente aloca definições de psicose, epilepsia, criptomnésia e telepatia, sem apresentar quaisquer posições de cientistas de que os conceitos mencionados explicariam o caso Chico Xavier!

Não bastasse isso, duas de suas definições estão equivocadas, o que será discutido na seção "Conceitos Errados", mais abaixo.

### **Informações erradas**

1. Na página 51, a autora diz que a origem de toda a história do fenômeno Chico Xavier foram as cartas dos mortos, e nas páginas seguintes (até a página 55) ilustra a afirmação com episódios de pessoas que teriam recebido cartas de seus filhos ou irmãos falecidos. Errado!

Chico Xavier começou escrevendo versos de poetas brasileiros e portugueses mortos, que apareceram em Parnaso de Além-Túmulo, obra publicada em 1.932 pela Federação Espírita Brasileira, que chamou de atenção de vários intelectuais brasileiros pelo estilo dos poemas, fiel ao dos autores aos quais eles eram atribuídos.

2. Na página 54 é dito que Waldo Vieira fundara um centro de estudos religiosos em Foz do Iguaçu. Errado! O centro fundado por Waldo Vieira é voltado ao estudo da consciência e não tem caráter religioso.

3. Na página 56, Gisela Blanco escreve o seguinte:

"O que você veria se estivesse na plateia de Chico Xavier na década de 1.940? Para começar, um médium sentado em frente a uma cortina, a cerca de 10 metros dos espectadores. (...) Lentamente, vultos brancos apareceriam - os médiuns explicavam que eram espíritos que haviam se materializado".

Errado! Primeiramente, ao que nos consta, Chico Xavier somente iniciara sua atuação pública como médium de materialização em 1.952, e pouco tempo depois, em 1.953, deixaria de atuar como tal (vide livro Chico Xavier - Mandato do Amor).

Depois, nas sessões de materialização o médium mineiro ficava deitado e atrás de uma cortina. Por fim, nestas mesmas sessões, que os vultos eram espíritos materializados podia ser deduzido pelos próprios espectadores.

4. Na página 57 a autora escreve referindo-se com ironia aos fenômenos de materialização envolvendo Chico Xavier:

"Com shows como esses, Chico foi ficando famoso, graças a reportagens como uma publicada em 1.944 por O Cruzeiro (...)". Errado!

A reportagem publicada em 1.944 pela revista O Cruzeiro não tratou de fenômenos de materialização envolvendo Chico Xavier. E nem poderia! Nesta época Chico Xavier não atuava como médium para este tipo de fenômeno.

### **Conceitos errados**

1. No final da seção em que a autora trata das cartas de falecidos enviadas a parentes próximos através de Chico Xavier, fenômeno que erroneamente (vide item 1 de nossa seção anterior) fora considerado dentre as primeiras manifestações mediúnicas de Chico Xavier, a autora nos diz o seguinte:

"(...) A verdadeira polêmica surgiria no outro filão do médium: os romances" (página 55). Entretanto, se lermos os parágrafos seguintes da nova seção ("A Polêmica"), verificaremos que ali o assunto tratado é o livro Parnaso de Além-Túmulo, que é constituído de poemas e poesias. A autora parece não saber o que é um "romance".

2. Na página 56 a autora enfeixou sob o termo "psicose" todos os quadros ditos dissociativos, o que não é aceito pela Associação Americana de Psiquiatria desde 1.994 (vide Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), e também considerou "criptomnésia" como um distúrbio da memória, quando não há qualquer razão para categorizar este fenômeno, genericamente, como "distúrbio".

3. Sobre o fenômeno da materialização de espíritos, a autora, Gisela Blanco, nas páginas 56 e 57, escreve o seguinte:

"Registre-se: materializar uma pessoa, ou fazer surgir massa do nada equivalente a um homem de 70 quilos, não seria tarefa fácil. Seria necessário produzir um total de energia duas vezes maior do que é hoje produzido pela hidrelétrica de Itaipu por ano, segundo os cálculos feitos por especialistas e exibidos por reportagens sobre Chico nos Anos 70."

Aqui, a autora mistura alhos com bugalhos. O processo de materialização de espíritos não está relacionado à produção de matéria "do nada".

Segundo informações dos próprios espíritos, aceitas e de certa forma já verificadas por pesquisadores da fenomenologia espírita como o russo Alexandre Aksakof (1.832 -1.903), o italiano Ernesto Bozzano (1.862 - 1.943) e o brasileiro Rafael A. Ranieri (1.919 - 1.989), o referido processo se daria às custas de "desmaterialização" do médium (em maior escala) e dos participantes das sessões (em menor escala).

### **Leviandades**

1. Em caixa alta na primeira página da reportagem (página 50), a autora do texto, Gisela Blanco, nos diz que fora o mito Chico Xavier que fizera brasileiros de todos os credos acreditarem em vida após a morte, que mudara a vida de famílias desconsoladas e que colocara a ciência em busca de respostas para seus fenômenos.

A matéria, entretanto, não dá subsídios para tal afirmação. Fora o homem Chico Xavier o responsável por tudo aquilo.

2. Nas páginas 52 e 53 lemos o seguinte (grifo nosso):

"(...) Célia representa o público cativo de Chico: as mães. Atrás de notícias dos filhos mortos, elas compareciam em massa nos dois centros que Chico teve (...)"

Aqui a autora procura imputar um caráter de sedutor ou algo do tipo a Chico Xavier. Pura leviandade.

3. Na página 54 vemos em letras garrafais:

"Show de materialização de espíritos e truques para incrementar as sessões de psicografia. O lado pirotécnico de Chico Xavier provocou desconfiança".

Além de o comentário estar desvinculado do assunto tratado nas páginas 54 e 55, a autora desconhece, ou finge desconhecer, que as sessões de materialização não tinham qualquer conotação de espetáculo.

Além disso, levemente, afirma que Chico usara de truques em suas sessões de psicografia, sem ao menos discutir mais amplamente a questão ao longo do texto sobre o assunto, nas páginas 56 e 57, apenas fazendo referência ao caso de um fotógrafo da revista Realidade que, em 1.971, teria visto um assessor de Chico Xavier borrifar perfume no ar.

4. Na página 56 Gisela Blanco nos diz que a desconfiança dos críticos de Parnaso de Além-Túmulo tinha razão de ser:

"Apesar de não ter ido longe na escola, Chico foi autodidata e leitor voraz durante toda a vida. Colecionou cadernos com recortes de textos e poesias. Comprou livros de sebos em São Paulo. Em sua biblioteca, preservada até hoje em Uberaba, há mais de 500 livros e revistas, com obras em Inglês, Francês e até Hebraico. A lista inclui volumes de autores cujo espírito o teria procurado para escrever suas obras póstumas, como Castro Alves e Humberto de Campos".

Mas tem o seguinte: leitor voraz ou não, a autora deixa de revelar, talvez propositadamente, que a biblioteca de Chico Xavier, que ela afirma ter mais de 500 livros e revistas, foi constituída ao longo de toda a vida do médium mineiro, de 92 anos, e que inclui os mais de 400 livros que ele próprio psicografou!

Além disso, o trecho está fora de contexto, pois o tema tratado era Parnaso de Além-Túmulo, primeiro livro de Chico Xavier, muito anterior à biblioteca que ele viria a formar.

5. Ainda na página 56, após dizer que das investidas da imprensa Chico Xavier não escaparia ("Eles queriam explicações não só para a linha direta que Chico dizia ter com as celebridades do outro lado, mas também para alguns shows que o médium andava fazendo por aí"), a autora inicia uma subseção com o título "A pirotecnia", sempre procurando inculcar um tom humorístico à sua reportagem.

O curioso é que Gisela Blanco fala nesta subseção de uma reportagem de 1.944 da revista O Cruzeiro, de uma denúncia de Chico Xavier por um sobrinho e sobre o programa Pinga-Fogo de 1.971 do qual Chico participara.

Esses tópicos, porém, nada tem a ver com o que ela denomina "pirotecnicia". Pirotécnica parece-nos a falta de clareza da autora.

6. Ainda sobre as sessões de materialização de espíritos envolvendo Chico Xavier, na página 56 encontramos:

"Os personagens principais da noite eram médiuns de outras cidades, acostumados a rodar o país com seus shows".

Como já afirmado no item 3 acima, as sessões de materialização não objetivavam meras mostras espetaculares.

7. Na página 57 a autora escreve:

"(...) Acuado pelas críticas na Pedro Leopoldo de 15 mil habitantes, Chico resolveu fazer as malas e partir para Uberaba, um polo do Espiritismo onde contaria com o apoio de amigos. Mas não adiantou muito. A Imprensa seguiu na cola. Em 1.971 (...)"

Chico Xavier não saíra "fugido" de Pedro Leopoldo, em decorrência de críticas, como o trecho acima parece indicar.

Além disso, ao ilustrar como a imprensa seguiu "na cola" de Chico após sua mudança para Uberaba, ocorrida em 1.959, a autora cita uma reportagem de 1.971, doze anos após.

Se pesquisasse melhor poderia encontrar uma reportagem anterior muito mais ilustrativa ao seu objetivo de denegrir Chico Xavier, como a publicada em uma das edições da revista O Cruzeiro de 1.964.

8. Ainda na página 57, referindo-se à participação de Chico Xavier em 1.971 do programa Pinga-Fogo, da TV Tupi, a autora escreve:

"Por quase 3 horas, o médium foi bombardeado por perguntas. Mas se safou".

Ora, safar-se é esquivar-se, escapulir-se, fugir. Assim referindo-se à atuação de Chico Xavier no Pinga-Fogo, a autora parte do pressuposto de que ele teria algo a esconder. Lamentável! Muita falta de imparcialidade.

9. Na página 58, em letras garrafais (recurso comum utilizado na reportagem para escancarar as levandades da autora), lemos:

"Órfão maltratado na infância, um piadista quando adulto, vítima de uma série de doenças na velhice. Não foi à toa que Chico Xavier conquistou a compaixão de todo o país".

Essa tentativa de desqualificar o real trabalho de Chico Xavier, imensurável, tanto no campo do assistencialismo espiritual quanto material, não foi bem-sucedida.

Desde quando ser piadista conquista a compaixão das pessoas? Será que os responsáveis pela matéria não sabem o que significa "compaixão"?

10. Na página 59 a autora escreve:

"Uma imagem captada pela TV Globo mostrou um raio de sol entrando no quarto do médium [sic] exatamente no dia em que Chico teve uma melhora repentina".

Seria mesmo um raio de sol? Cadê as fontes que atestam isto?

11. Também na página 59, última do artigo, arrematando o festival de imprudência exibido ao longo de suas páginas, lemos no box "A Indústria de Chico Xavier":

"Dieta do Chico Xavier: revista dos Anos 80 publicavam o ritual – meio copo de água pela manhã, com grãos de arroz dentro do copo representando o número de quilos que se quer perder".

Aqui, a matéria procura imputar um caráter ridículo à figura de Chico Xavier e tenta, sorratamente, ludibriar o leitor, que poderia pensar que tal dieta fora realmente prescrita pelo médium mineiro, o que não é verdade.

### **Conclusão**

Acreditamos ter deixado claro, pelas considerações acima, que a reportagem "Chico Xavier", veiculada na revista Superinteressante deste mês de Abril de 2010 (Edição 277) deixa a desejar em quatro aspectos do labor jornalístico de imprensa: ético (vide seção "Leviandades"), cultural (vide seção "Conceitos errados"), investigativo (vide seção "Informações erradas" e itens 7 e 10 da seção "Leviandades") e redacional (vide a "Introdução", as seções "Um box que nada explica" e "Uma colocação fora de contexto", e também os itens 4, 5, 9 e 10 da seção "Leviandades"), e nada mais temos a acrescentar.

Como conclusão, apenas uma pergunta: uma revista dessas é confiável?

(José Edmar Arantes Ribeiro é bacharel, mestre e ex-doutorando em Física pelo Instituto de Física da USP)